



CIDADES

Campo Limpo Paulista, Itatiba, Itupeva, Jarinu, Jundiá, Louveira e Várzea Paulista

81 professores capacitados

74 escolas participantes

CURSOS

Geografia/História, Matemática e Ler para Aprender

360 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Vista aérea da região central de Jundiaí



DE VOLTA

Na opinião do dirigente Onofre Martins, o aspecto mais importante da Teia do Saber é a volta do professor aos bancos escolares. “Muitos se formaram há mais de 20 anos e voltar ao ambiente da Universidade é muito produtivo. Motiva”. Para ele, o projeto propicia o contato com metodologias modernas, fazendo com que o professor resgate sua auto-estima e se sinta mais seguro em sala de aula.

Martins já passou por outras diretorias de ensino e diz que encontrou em Jundiaí uma região tranqüila. “Muitos alunos já trazem formação humana familiar. A comunidade é bastante participativa nas atividades da escola”. Para ele, educação se faz com a participação da comunidade.



DINAMISMO E DIVERSIDADE

A participação dos professores na Teia do Saber trouxe dinamismo e diversidade na prática pedagógica, na avaliação feita pela gestora Dalva de Oliveira Soares da Costa. Professora de História e Geografia, Dalva, por 12 anos, esteve em contato direto com os alunos. Em sua opinião, o professor sempre almeja inovar na forma de ensinar e, principalmente, de conquistar o aluno.



TOQUE

A professora Sonia Maria Correa Manjolin não é de esconder suas emoções. Revela, por exemplo, que chorou nas aulas de pedagogia do afeto, nas quais o foco é o toque físico. “Isso levanta nossa auto-estima. É disso que o professor precisa”. Sonia espera cada aula da Teia do Saber com a expectativa de que terá oportunidades de passar as emoções vividas para os alunos.

UM DEPOIMENTO

“ Esse pessoal é muito querido. É besteira imaginar que o professor da rede pública é um desiludido. Eles deram um show de participação na Teia do Saber.

Trabalhei a questão das relações interpessoais e afetivas, nas quais entram diversos tipos de toques. O toque físico tem várias modalidades. O terapêutico, por exemplo, adotado pelo pessoal da enfermagem, ativa o sistema imunológico. Já o toque afetivo libera as endorfinas produzidas pelo corpo, gera bem-estar. Somos seres sociais, precisamos do toque.

A cultura acadêmica enfatiza muito o cognitivo. O afetivo e o emocional foram, de uma certa maneira, deixados de lado. As crianças estão sem limites, violentas, indisciplinadas. Apenas entulhar a cabeça de conhecimentos já não é tão necessário. É preciso dar formação, educação, trabalhar o emocional e o afetivo. Para isso, não é preciso ignorar o cognitivo.

De acordo com um relatório da ONU para o terceiro milênio, a educação de hoje é pautada por quatro princípios: aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a fazer; e aprender a conviver. Eu trabalho nessa linha. Precisamos do afetivo, do cognitivo e do interpessoal. Não há como fugir disso.

Não adianta apenas o conhecimento. Isso cansa, entedia. Muitas das escolas têm apenas giz e lousa. No ambiente externo, o aluno dispõe de videogame, cinema e outros atrativos. Por isso é preciso tornar o aprendizado dinâmico.

Nesse âmbito, a participação da Unicamp é produtiva para ambos os lados. Você não apenas ensina, como também aprende. Há um ditado que diz que aprende quem ensina. ”

Carlos França, professor da Faculdade de Educação da Unicamp, onde atua há mais de 33 anos





MÃO DUPLA

Amadeo Carlos Taborda Cristóvão acredita que os professores da Unicamp estão promovendo uma revolução na metodologia de ensino no âmbito da Teia do Saber. Lembra o exemplo da professora que trouxe um projeto sobre caixa de memórias e dispôs jornais, revistas e livros no chão e de outro docente que deitou no chão para exemplificar uma situação. Professor de História, ele compara a tarefa de professor à de um pedreiro. “Preciso ter consciência de cada tijolo que coloco”. Cristóvão tem a convicção de que é necessário repassar aos alunos cada conteúdo aprendido.



IMAGENS

Marco Antonio Leandro Barzano, doutorando da Faculdade de Educação da Unicamp, desenvolveu um trabalho sobre a perspectiva estética das imagens. Montou com os alunos uma mostra fotográfica a partir de imagens retiradas de jornais, revistas e quadros. Barzano considerou enriquecedora a troca de informações com os professores da rede estadual. Docente na Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, ele procura aproveitar o máximo esse contato com a realidade da escola pública no Estado de São Paulo. “A experiência que eles trazem é muito boa”.

NECESSIDADE IMPERIOSA



A Faculdade de Educação da Unicamp foi a anfitriã de 11 turmas para um dos cursos mais solicitados na Teia do Saber – o Ler para Aprender. A FE recebeu turmas de Jundiaí, Capivari, Sumaré, Campinas Leste e Oeste. Para a organização de toda engrenagem, o professor Vicente Rodrigues, na coordenadoria de Extensão da Faculdade desde 2002, contou com a experiência adquirida à frente de projetos na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Qual a importância da Teia do Saber?

Vicente Rodrigues – Conseguimos um avanço importante: a maioria dos professores não só compartilharam as salas de aulas e tomaram contato com conhecimentos novos e linhas de pesquisa, como foram permanentemente incitados – através de apresentação de teatro, recitais musicais, feiras de livros, conferências e encontros – a buscar amplitude e novos horizontes na sua formação e na necessidade de incluir novas perspectivas para o ensino brasileiro, que precisa de qualidade. E a qualidade passa pela elevação não só do nível de conhecimento como do nível cultural. A Teia do Saber é uma necessidade imperiosa da sociedade brasileira.

Para o senhor, a educação passa por um período de transição?

Vicente Rodrigues – Temos citações de muitas transformações do ponto de vista histórico – tanto do aspecto produtivo, quanto nas relações sociais –, e evidentemente a escola está sendo muito demandada a responder esses desafios. Ela tem muita necessidade de apoio. É preciso que se preste atenção porque vários dos problemas brasileiros passam por uma boa organização dos conflitos, das disputas e das necessidades de contemplação de interesses sociais que uma boa educação ajuda a equacionar e levar adiante. A escola está em um momento de grandes demandas e a Universidade faz bem em se aproximar para acudi-la e permitir uma discussão nesta direção.



